DA VULNERABILIDADE SOCIAL ÀS RELAÇÕES DIFUSAS: A CULTURA DO DOM

Dadas as profundas mudanças ocorridas em todos os níveis, a sociedade atual está carregada de dificuldades e incertezas para o indivíduo: as ondas de migração, a atual crise econômica, os efeitos da globalização, tudo isso conduz um número sempre maior de pessoas ao estado de precariedade econômica e social, exatamente num contexto cultural que por si só promete a cada um a possibilidade de realizar-se de várias formas.

Ulrich Beck afirma: "Encontramo-nos perante uma reviravolta fundamental, que separa a época da clássica sociedade industrial da *sociedade de risco...* onde a "falta de emprego e a consequente pobreza se referem sempre menos a um mesmo grupo, tendendo assim a configurar-se como fenômenos *transversais,* ligados a cada fase da vida"[1]. Aumentam, portanto, as formas de vulnerabilidade que atingem os indivíduos, por vezes abertamente, por vezes latentes, que originam novas formas de pobreza e desvantagem, no qual o sistema de welfare (bem fazer) não consegue dar respostas satisfatórias. Entretanto, nesse contexto de "biografias de risco"[2] pessoais, surgem novas modalidades de exprimir empenho, reciprocidade e solidariedade que partem de baixo, constituindo-se redes de ajuda mútua ou de serviço voluntário em benefício de outros.

Em particular, estão nascendo novas formas de relacionalidade:

> Além do individualismo, existe uma relação difusa, estendida em vários níveis da sociedade e retomada nas pregas do cotidiano. Não se trata de um retorno à lógica de solidariedade tradicional, mas uma redefinição de modalidades participativas múltiplas, quantas são as exigências, encargos e funções de cada um, em relação à coletividade à qual pertence (...). Trata-se de mecanismos de relacionalidade difusa, aptos a gerar formas espontâneas de agregação e convergência em torno de problemáticas e eventos que suscitam uma reação coletiva. (...) Estruturas poliédricas, portanto, de relações todas voltadas substancialmente a reter as arquiteturas comunicativas do amanhã, capazes de representar e receber pessoas ativas, proativas e socialmente responsáveis. [3].

As ciências sociais redescobriram a antiga "economia do dom" [4], em contraste com a moderna economia de mercado como fundamento alternativo e possível de relações sociais e a característica do mundo do *non profit* e, em particular, do voluntariado, é a de estabelecer redes de relações, baseadas sobre relações de altruísmo, confiança, reciprocidade, que dão forma a uma mentalidade do dom. Doutra parte, é exatamente esta uma das exigências mais prementes que surgem no panorama contemporâneo:

> Num contexto sempre mais complexo, onde é forte o risco de dessocialização e de solidão global, torna-se aguda a exigência subjetiva de comunicação e de relações significativas em que tornam a adquirir plenitude semântica as palavras próprias do capital social: confiança, reputação, permuta, conhecimento, responsabilidade representam aquelas "virtudes" da sociedade civil que intervêm na gestão dos processos de recomposição social e individual, e presidem ao desenvolvimento da relacionalidade difusa, como afirmação evidente da busca de relações significativas intersubjetivas [5].

É esse o contexto de comunicação solidária que o Papa Francisco promove, antes ainda com seus gestos concretos do que com suas palavras e o seu magistério.

Bruna Fregni, fsp

---

[1] U. Beck, *Costruire la propria vita,* Il Mulino, Bologna, 2008, pp. 61 e 64.

[2] Ivi, p. 62.

[3] B. Mazza e A. Volterrani, "Reti sociali e sense making: per una relazionalità diffusa", in M. Morcellini e B. Mazza (a cura di), *Oltre l'individualismo*, *Comunicazione, nuovi diritti e capitale sociale* Milano, Franco Angeli, 2008, p.15.

[4] Cfr. l'analisi di R. Scarfi nel saggio "Il dono come raccordo", in M. Morcellini e B. Mazza (a cura di), *Oltre l'individualismo*, cit., pp. 65-70.

[5] M. Morcelliana, Perché oltre l'individualismo, ivi, p. 11.